



# BEM VIVER

POEMAS, CONTOS, MICROCONTOS

Organizador  
*Aldenor Pimentel*



*Série Literatura de Circunstâncias*  
*v. 2*

**BEM VIVER**  
**POEMAS, CONTOS, MICROCONTOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

**REITOR**

José Geraldo Ticianeli

**VICE-REITOR**

Silvestre Lopes da Nóbrega

**EDITORA DA UFRR**

**Diretor da EDUFRR**

Carlos Vicente Joaquim

**CONSELHO EDITORIAL**

**TITULARES**

Ariosmar Mendes Barbosa  
Georgia Patrícia da Silva Ferko  
Rosinildo Galdino da Silva  
Guido Nunes Lopes  
Rafael Assumpção Rocha  
Raquel Voges Caldart  
Simone Rodrigues Silva  
Ana Paula da Rosa Deon  
Priscila Elise Alves Vasconcelos  
Altiva Barbosa da Silva  
Madiana Valéria de Almeida Rodrigues  
Ricardo Carvalho dos Santos  
Paulo Jeferson Pilar Araujo

**SUPLENTES**

Francinildo Gales dos Santos  
Victor Hugo Lima Alves  
Gilmara Maria Duarte Pereira  
José Teodoro de Paiva  
Monalisa Pavonne Oliveira  
Ramão Luciano Nogueira Hayd  
Edileusa do Socorro Valente Belo  
Edilane Nunes Régis Bezerra  
Rafael Reis Ferreira  
Fábio Luiz Wankler  
Lilian Leite Chaves  
Maria Bárbara de Magalhães Bethonico  
Roni Petterson de Miranda Panheco



Editora da Universidade Federal de Roraima  
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,  
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil  
E-mail: [editora@ufrr.br](mailto:editora@ufrr.br)

A Editora da UFRR é filiada à:



*Série Literatura de Circunstâncias*  
*v. 2*

**BEM VIVER**  
**POEMAS, CONTOS, MICROCONTOS**

*Aldenor Pimentel*  
**Organizador**



**Boa Vista - RR**  
**2023**

**Copyright © 2023**  
**Editora da Universidade Federal de Roraima**

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) e é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal..

**Imagem de Capa**

© wildcat78 via Canva.com

**Editor**

Aldenor Pimentel

**Projeto Gráfico e diagramação**

Denize Carvalho Brasil

**Revisão**

Aldenor Pimentel

**Capa**

Denize Carvalho Brasil

**Dados Internacionais de Catalogação Na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima**

B455 Bem viver: poemas, contos, microcontos / Aldenor Pimentel, organizador. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2023.  
54 p. – (Série Literatura de Circunstâncias ; v. 2)

Vários autores.  
ISBN: 978-65-5955-056-2

Livro Eletrônico

1 – Literatura brasileira. 2 – Poesia brasileira. 3 – Conto brasileiro. I – Título. II – Pimentel, Aldenor. III – Universidade Federal de Roraima. .

CDU – 869.0(81)-1)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:

Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573 - AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.

O texto deste livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>COMISSÃO JULGADORA.....</b>	<b>9</b>

### *POEMAS*

#### **BEM VIVER**

Thiago Henrique Costa.....	11
----------------------------	----

#### **QUERÊNCIA**

Drielly Nunes Ribeiro.....	12
----------------------------	----

#### **CAMINHADA**

Tomé Caitano.....	13
-------------------	----

#### **QUASE QUE NÃO VIM**

Rosa.....	14
-----------	----

#### **LIBERDADE**

Ademar Carvalho.....	15
----------------------	----

#### **FILHA DA TERRA**

Naine Silva.....	16
------------------	----

#### **VIDA**

Naine Silva.....	17
------------------	----

#### **DESENHOS**

Jacilene Cruz.....	18
--------------------	----

#### **VIVIA BEM**

E. Lewis.....	20
---------------	----

## **DAS MANHAZINHAS E SUAS ALEGRIAS**

Edgar Borges.....22

## **O SOL DO HOMEM INTERIOR**

F. Sant'os.....23

## **VALOR**

Odranoel Opala.....24

## **QUANDO O TEMPO PARAR**

Odranoel Opala.....25

## **CONTRUÇÕES MODERNAS**

Ademar Carvalho.....27

## **VIVO DESEJANDO VIVER**

Paola Belo.....29

## **ATRAVÉS DE TI**

Paola Belo.....30

## *CONTOS*

### **A VELHA FAZENDA DE RORAIMA**

Jimmy Iran dos Santos Melo.....32

### **LOUCEIRAS DO MARUANUM**

Victor Fernando Ramos de Oliveira.....33

### **O PESCADOR**

Annieli Valério Rufino.....35

### **TERRA TOMADA**

Rickson Rios.....38

## **A PÍLULA**

E. Lewis.....41

## **GRINGO NÃO SE CRIA NO LIMO**

Daniel Martin.....43

## **DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO**

Thiago Carone.....47

## **ENCONTRO DAS ÁGUAS**

Thiago Carone.....48

## **VISÕES DA SAMAUMEIRA**

Thiago Carone.....49

## **A RAPOSA E A DONA ESPERANÇA**

Eduardo Amaro.....50

### ***MICROCONTO***

## **A REVOLUÇÃO DO BEM VIVER**

Miguel Fê Orí Okan Túpac ibn Lelis, o Tabuleiro da Vitória Marighella e Lisboa.....54



---

## APRESENTAÇÃO

Pois bem, bem viver foi o tema do IV Concurso Literatura de Circunstâncias e, conseqüentemente, desta antologia, que reúne os textos finalistas da edição.

Criado em 2020, pela Editora da Universidade Federal de Roraima, o concurso segue firme no propósito de incentivar a produção literária nacional e internacional, com ênfase na produção local, por meio da publicação e divulgação de textos literários. Os gêneros são os mesmos das últimas edições: poesia, conto, microconto.

Agradecemos a todas e todos que contribuíram para que esta ação fosse possível, em especial à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão da UFRR (PRAE), que selecionou o projeto de extensão Literatura de Circunstâncias, por meio de edital do Programa de Apoio a Ações de Extensão (PAE), bem como à colaboração daquelas e daqueles que aceitaram compor a Comissão Julgadora: Adriana Albano, Carmem Spotti, Fábio Almeida, Huarley Monteiro, Jamile Rossetti, Valtenir Abreu.

Que o nosso bem viver se escreva com todas as letras.

O organizador  
Setembro amarelo de 2023

---

## COMISSÃO JULGADORA

***Categorias: Poesia Avulsa, Conto Avulso, Microconto***

Carmem Spotti

Fábio Almeida

Valtenir Abreu

***Categoria: Livro Individual***

Adriana Albano

Huarley Monteiro

Jamile Rossetti

POEMAS

## BEM VIVER

*Thiago Henrique Costa*

Bem viver é mais do que sobreviver  
É sentir, é vibrar, é se entregar  
É abraçar a vida com paixão e emoção  
É ser parte do todo e do todo fazer consumação

Bem viver é mais do que consumir  
É criar, é doar, é compartilhar  
É valorizar o que é essencial e não o que é superficial  
É ser rico de sentido e não de dinheiro

Bem viver é mais do que competir  
É cooperar, é dialogar, é se integrar  
É respeitar a diversidade e a pluralidade  
É ser igual na diferença e diferente na igualdade

Bem viver é mais do que existir  
É sonhar, é ousar, é transformar  
É buscar a felicidade e a liberdade  
É ser protagonista sem vaidade

Bem viver é ver a educação como libertação  
É aprender a pensar e a questionar  
É ensinar a cooperar e a se expressar  
É formar cidadãos críticos e conscientes

Bem viver é um desafio e uma oportunidade  
É uma escolha e uma responsabilidade  
É uma proposta e uma realidade  
É uma utopia e uma possibilidade.

## QUERÊNCIA

*Drielly Nunes Ribeiro*

Nasci correndo pelas ruas  
sem asfalto,  
chutando poeira com pés  
descalços.

Lia versos de amor puro  
criados pela natureza  
cabendo mais no mundo,  
triste porque nunca pude  
provar tudo.

O mar me inspira a amar,  
nisso iria velejar  
até achar meus motivos  
para respirar  
noutro lugar.  
— querência.

## CAMINHADA

*Tomé Caitano*

Saudade brinca comigo  
Machuca e me bate  
Dá-me um nocaute  
Faz-me perder os sentidos  
Relembrando momentos perdidos  
Lapsos que me tiram do chão  
Arrancando sem nenhuma frustração  
Toda dor do peito ou da mente  
Não sei ao certo, pois tudo que vence  
É esse sentimento sem explicação  
Que chega para acalmar  
Ou maltratar  
Independente da ocasião  
Às vezes sorrio sozinho  
Lembrando de todo caminho  
Que me fez chegar neste momento  
Em que meus pensamentos  
Fervilham memórias  
De várias histórias  
De tudo que aconteceu  
Tornando-me cada vez mais  
EU

## QUASE QUE NÃO VIM

*Rosa*

Se libertar das amarras, encorajar-se e tornar-se ator principal de sua vida  
Não é uma tarefa fácil  
Medos, receios, angústias, pensamentos que nos subestimam, fazem com  
que não tomemos atitudes  
E, por isso, quase que não vim!

Desvelar o desconhecido dói  
Distorcer o que já se sabe é muito mais fácil do que enfrentar a  
complexidade da vida que nos toma  
Uma vida sublime, fugaz, inebriante e que passa em um segundo aos  
nossos olhos  
Mas, não captamos tamanha rapidez, pois nos prendemos à mediocridade  
do viver  
Eu preciso ir ao encontro da vida, eu preciso vir pra fora de mim,  
Por isso, é que quase que não vim

E, se por um instante, eu puder me libertar, e se por um instante eu puder  
me movimentar  
Ao encontro dessa vida  
Essa vida que pulsa, que brilha, que diz pra mim todos os dias, você está  
vivo  
Você é maravilhoso, único, ímpar, singular

E, se por um segundo, alguém segura minha mão e me diz: venha  
Esse alguém que está aqui, em mim mesma, dentro de mim  
Toma coragem, toma atitude e se liberta das amarras

E, se por um minuto de minha vida, eu puder dizer: Eu e o outro viemos!

## LIBERDADE

*Ademar Carvalho*

Quero a liberdade  
Quero livre ser,  
Quero igualdade  
Quero melhor viver.

Quero a liberdade  
De poder escolher,  
Isento de julgamento  
O que melhor me parecer.

Enfim...  
Quero deixar de ser réu.  
Estou exigindo a liberdade  
Que só existe no papel.



## FILHA DA TERRA

*Naiane Silva*

Sou filha da mãe terra  
Nascida do barro e moldada pela areia  
Sou filha do fogo, banhada pelo aço e fogo  
Sou humana  
Sou falha

Sou a Deusa que nasceu entre os mortais  
Plantando seringueira e protegendo os animais  
Sou filha da mãe da terra  
Que purifica as águas e a alma

A noite me transforma em uma caçadora  
Procurando os inimigos  
E protegendo os meus iguais  
Nasci do pó e da poeira  
Nasci do barro e da água  
Nasci humana e Deusa

As águas que banham o meu corpo  
São as mesmas que limpam as minhas lágrimas  
Na qual purifica o ódio e a tristeza  
Restaurando a minha paz e minha alma

Sou filha da mãe terra  
Lutando contra o mal e propagando o bem  
Sou o fogo  
Queimando o mal pela raiz e plantando o amor pela semente  
Sou o aço  
Que forja a espada e derrama o sangue  
Sou humana

## VIDA

*Naiane Silva*

A vida te leva para lugares inexploráveis  
Lhe faz ver o bem da alma e do coração  
Lhe faz dançar e cantar conforme a melodia é tocada  
Lhe faz respirar tão fundo como as profundezas de um oceano

Diga-me, o que te motiva a viver?  
O amor? A família? Os amigos? Ou a esperança da felicidade infinita?  
São perguntas não respondidas, são canções não descritas,  
Mas a única resposta é o beijo que a sorte lhe dá para viver em completa  
harmonia  
com a vida

Ao menor sinal de infelicidade, corra, fuja, procure um lar seguro  
Não caia na escuridão, no lar dos lugares sombrios e tristes  
Existe além do universo um lugar no qual o seu coração abrirá para a  
sua verdadeira paixão, o seu verdadeiro lar

A verdadeira história da vida não está em suas cicatrizes  
Mas gravadas em sua alma  
Em cada dor, em cada bloco construído pelas lágrimas e rachaduras  
Não esqueça, não se permita desistir, não deixe que levem o que tem  
de melhor em você  
O seu verdadeiro final ainda não chegou

Sorria, cante e dance! Viva como não se houvesse um amanhã  
Veja o pôr-do-sol, viva brilhando, contemple cada vitória  
O fim não é um final, e sim o começo de uma nova história  
Uma nova página que será preenchida pelas novas histórias incríveis que  
você irá ter a chance de escrever

## DESENHOS

*Jacilene Cruz*

Imagens perturbam o sono  
cambaleando levanto  
com letra feia  
grafia doída  
corroída pela vontade de voltar a adormecer  
as desenho no papel amarelado:

Um varrer de calçadas forte e veloz  
covas se abrem  
e a piaçaba se reduz  
à cruz cadavérica da vassoura.

Um correr pela feira livre  
deserto de cores e vozes que surgem  
o pouco dinheiro que tenho  
nem me compra um peixe seco sequer.

Um mar revoltado  
mil ondas que por mim passam  
sufocando e aniquilando  
o corpo sempre frágil  
pelas dores que nele residem.

Um aeroporto no meio do rio  
o avião decola sempre sem me esperar  
porque sozinha sucumbo  
antes de aportar.

Um carro que vagueia alucinante  
por todos os lados da estrada  
e a velocidade controlada  
pelos pés desobedientes  
que não conseguem frear.

O mesmo rio fétido, a rodovia encharcada  
a ladeira que subo  
a falésia imponente  
e o medo que se instala em mim por inteira.

São as visões de sempre  
da menina que não gostava de aguar as plantas  
e até hoje se ressentir  
por todas que deixou morrer.

Não há borracha que apague  
Esses desenhos vãos.

## VIVIA BEM

*E. Lewis*

Ele vivia bem  
Numa casa de ladrilhos  
Na escola seus dois filhos  
Uma esposa a cozinhar  
Nunca sobrava dinheiro  
Para consertar o banheiro  
Mas gostava do seu lar  
Brincava com as crianças  
Construía doces lembranças  
Esperava a vida mudar

Ele vivia bem  
Arranjou mais um trabalho  
Começou a jogar baralho  
Com os amigos lá no bar  
Já que tinha dinheiro  
Consertou aquele banheiro  
Pros filhos deu um celular  
Não se sentia cansado  
Muito menos realizado  
Voltou a estudar

Ele vivia bem  
Cursou engenharia  
Faltava tempo no dia a dia  
Muitas coisas para lidar  
Com a esposa não conversava  
Pois ela só reclamava  
Não conseguia descansar  
As crianças desanimadas  
Crescidas, desalinhas  
Não queriam mais brincar

Ele vivia bem  
Tinha um negócio estável  
Uma fortuna considerável  
E uma família exemplar  
As crianças entorpecidas  
Suas vidas bem resolvidas  
Ninguém vinha lhe visitar  
A esposa andava triste  
Não tinha mais um lar  
Ele prometeu consertar, mas o tempo acabou.

## DAS MANHAZINHAS E SUAS ALEGRIAS

*Edgar Borges*

Passarinho divulgando a manhã chegada  
Os cachorrinhos brincando no quintal  
Copinho de café fumegante  
E o vento frio beijando o rosto na varanda

A vida é boa se começa assim o dia  
Cheirinho no cangote  
Cafuné pra acelerar as pulsações  
Risadas abrindo caminhos  
E denço pra ativar boas vibrações

É como se a gente falasse pro dia  
“Vem, pode chegar, aqui estamos de bem  
Aqui estamos de boa  
Não importa o tamanho do estresse  
Sorrisos sempre à toa”

Numa hora dessas é como se o universo  
Do seu tamanho gigantão  
Nos desse um pouco de trela  
E parte dele virássemos  
Nos tornando imensidão

Tem outros jeitos com certeza  
De se conseguir os tons da alegria  
O que é bem viver para uns não é para todos  
O bom para uns para outros é só monotonia

De meu lado, numa repetida cena matutina  
Aqui na minha mesinha com a xícara quente  
Canto ao sol trazendo um novo dia  
Abraço o bom e ao ruim fico indiferente

## O SOL DO HOMEM INTERIOR

*F. Sant's*

O sol que se ia todos os dias findara seu brilho atrás de nossa casa.  
Eram as imagens de uns anjos no céu (anjos brancos e pretos)  
que gradativamente desapareciam com a obscuridade.  
Há como ser agnóstico? Ele é maravilhoso!  
Assolava sempre atrás de nossa casa.  
Alvíssaras ao saber que voltará amanhã...  
Apesar de tudo, vivo a graçolar a vida.  
Acompanhastes a vicissitude de minha vida presença.  
Inócuo, quisera poder alcançá-lo.  
O poder da noite me traz pensamentos taciturnos



## VALOR

*Odranoel Opala*

Que valor tem o ser humano?  
Só temos valor quando alguém nos valoriza?  
Somente tenho valor através da minha utilidade?  
O valor é aquilo pelo que eu me vendo?  
Quem o recebe?  
E quem realmente paga?  
Se vender cobra um preço alto demais

Há de ser uma troca?  
Podemos ser mais que comércio  
Mais que mercadoria  
A reciprocidade pode também morrer na feira  
O bem viver pode morrer de farsa  
E nada mais sobra do que a farda  
Dos que fingem não morrer também

Viver bem para mim é o orgasmo  
Pleno espasmo  
Pleno enlouquecer  
A perdição na multidão lunática  
Morrer quantas vezes for preciso para se encontrar  
Apenas para se perder de novo

Entrego-me ao mundo, tanto quanto guardo-me dele  
Em um sonho ruim, diurno, sou devoto a vivência  
Sinto a pena do outro desfalecer  
E a ponte da convivência queimar  
Gozo de muitas enfermidades  
Usufruo das contradições

Diariamente, vivo com valores  
E todo dia desvalorizo-me mais

## QUANDO O TEMPO PARAR

*Odranoel Opala*

Quando o tempo parar  
Eu também pararei  
Quando eu parar, o tempo continuará  
Ah, o tempo, tão falso quanto as mentiras que me contaram  
De que eu poderia ser quem eu quiser

E o luto passou  
E a boca amargou  
E o cu coçou  
E ele não me amou  
E minha mãe gritou

Eu sobrevivo  
Sobre os vivos e os mortos  
sob um céu cinza  
Eu saltito

Se a hora da morte é falsa  
Minha existência é provida de imortalidade  
Queime meu obituário  
Pois permaneço  
Diga não ao funerário  
E dance com meu cadáver  
Mas saiba que eu sou mais que ele  
Eu sou parte do universo  
Olhe para meus átomos e diga quem eu sou  
Eu sou vida!

Olhe para mim, eu serei

A treva  
O demônio homossexual

Não vou ao inferno  
Trago-o para cá  
O hétero que se cuide  
Porque eu sou eterno  
E o fogo que me queima  
Vai te queimar também  
Eu sou serpente estranha  
Sou do contra  
Sou oposição  
Me oponho a mim mesmo  
EU SOU! (Não sou não!)

Quem manda no tempo somos nós  
Ele que pare por nós  
Pois não paramos por ele  
Que valor tem o ser humano?  
Só temos valor quando alguém nos valoriza?  
Somente tenho valor através da minha utilidade?  
O valor é aquilo pelo que eu me vendo?  
Quem o recebe?  
E quem realmente paga?  
Se vender cobra um preço alto demais

## CONSTRUÇÕES MODERNAS

*Fander Miller*

Era preciso construir uma ponte a ligar novos mundos  
Só pra quem está desiludido  
Pra quem está num poço sem fundo  
E não sabe mais o caminho

Era preciso construir uma torre pra quem morre de saudade  
Uma torre azul que só acontecesse nos finais de tardes  
Para o coração cansado das tristes lembranças  
Poder descansar e se encher de esperanças

Era preciso criar uma noite que não fosse feita de pesadelos  
Uma noite sem insônias  
Uma noite sem os medos e os defeitos  
De quem não mais sonha

Era preciso construir uma rua com a sujeira dos nossos dias  
Feita de ladrilhos  
Cada ladrilho teria o nome do vazio  
Que ia sendo deixado para trás

Era preciso inventar desejos novos  
Vendidos em garrafas de vidro  
Para presentear corações partidos

Era preciso inventar mais tempo  
Para quem perdeu o amor  
E não sabe que não há remendo  
Capaz de trazer de volta o tempo  
Que valor tem o ser humano?  
Só temos valor quando alguém nos valoriza?  
Somente tenho valor através da minha utilidade?  
O valor é aquilo pelo que eu me vendo?

Quem o recebe?  
E quem realmente paga?  
Se vender cobra um preço alto demais

## VIVO DESEJANDO VIVER

*Paola Belo*

Ponho-me à loucura  
Do pensamento ansioso  
E do desejo desejado  
Do que quero e do que posso.

Instintivamente da sobrevivência me vesti  
Coloquei-me à imposição do ser e do sucesso.  
E agora?  
Agora, me contrario ao conhecido  
e ao que me fizeste ser.  
Desejo mesmo é viver.

Perlaboro e ressignifico  
Anseio o mundo e o sossego  
A brisa no rosto com a pele salgada  
Andando por terras desbravadas.

Me pintar e descolorir a roupagem  
Criar com a criatividade que me falta  
Viver num mundo que talvez nem me sirva  
E descobrir  
Que meu existir nasce e morre todos os dias.

Eu só quero é experimentar  
Falta sinto daquela que já fui  
Sou um eu novo em todo nascer do sol  
E quando ele se põe, ultimamente, sonho desejando.

## ATRAVÉS DE TI

*Paola Belo*

Posta no mundo  
Escolhendo, na solidão da imaturidade,  
Uma armadura robusta e oca.

Aonde chega, para todos, é exuberante e adorável,  
Mas para ti chega na mistura simbiótica de todos que já passaram,  
ficaram e que incontáveis vezes me atravessaram.  
Para ti chego quebrada,  
Remendada  
Vencida.

Na súplica pela ajuda,  
E tenho ajuda.  
Foste e és meu refúgio e encontro com o eu forte,  
fraco, confuso, impetuoso e ambíguo.  
Assim cuidando de mim, fizeste me cuidar  
Através de ti, fizeste me enxergar.

Hoje, vejo e escuto  
Meu eu, o outro e o mundo  
Agora conduzindo minha ansiedade  
Cuido da agonia  
Do desespero  
E do peito acelerado.  
Comemoro os pequenos e grandes feitos.

Através da tua guia, fizeste o eu de agora  
Socializar ao meu Individualizar  
Através do teu desejo de fazer  
Acolher e amparar, fizeste me amar.

CONTOS



## A VELHA FAZENDA DO ALTO ALEGRE, EM RORAIMA

*Jimmy Iran dos Santos Melo*

Naquela velha fazenda do Alto Alegre, todos nós brincávamos e fazíamos sempre alguma coisa. Lembro-me de, certa feita, quando meu pai matou um boi. Logo depois daquele momento, corríamos para o igarapé, para limpar o bucho. Isso fazíamos enquanto brincávamos de tomar banho naquele local. Lavávamos o bucho do bicho, banhando no igarapé. Outra coisa interessante que fazíamos era pegar os miúdos do boi, principalmente o fígado, para pescar à noite, bem no escuro. Fazíamos nossos próprios caniços de pesca, para pegarmos mandi e traíra. Aqueles peixinhos fritos eram uma delícia, talvez não fizesse sentido com tanta carne de boi, mas o que importava era viver aquele momento.

Outra atividade que fazia parte da velha fazenda do Alto Alegre era sair para apanhar frutas. Lembro-me dos pés de ingazeiras, goiabeiras, manguzeiras, jaqueiras, enfim, havia tantos pés de árvores frutíferas que até esqueço os nomes. Mas, entre as árvores que existiam ali, havia aquelas que ninguém tinha plantado, como os buritizeiros e as bacabeiras. Íamos apanhar aquelas frutas, colocávamos os buritis de molho para amolecer. Logo depois, minha mãe pegava uma garrafa de vidro, bem dura, e batia para soltar aquela massa. Em seguida, coava e escoava aquele vinho amarelinho. Chega consigo sentir o gosto na boca até hoje! Enchíamos as vasilhas com buriti e farinha. Chega o bucho ficava cheio! A mesma coisa era com o fruto da bacabeira, outro vinho delicioso, que trazia muita diversão e aventura, tanto ao apanharmos em palmeiras de bacabeiras na mata como ao fazer o vinho.

Que tempo bom, pensar naquela velha fazenda do Alto Alegre! Aquela velha fazenda que mora no fundo da memória. Às vezes me pego andando a cavalo perto dos buritizais. Em outras, vejo aquela cena da cotia correndo na mata tão rápido, com medo do cachorro, e se escondendo no buraco do tatu. Tem horas que me lembro do jabuti correndo, quando conto essa história. Parece até mentira, mas o jabuti corre na mata. Não é uma corrida rápida como de outro animal veloz, mas ele corre. Assim, passo meu tempo, quando me lembro da velha fazenda.

## LOUCEIRAS DO MARUANUM

*Victor Fernando Ramos de Oliveira*

Era uma tarde de sábado. Eu e mais três amigos percorríamos, de canoa, os campos alagados de Maruanum. Durante o trajeto, uma amiga apontou para pequenos pássaros presentes no rio, explicando que eles davam nome àquela região. A espécie chama-se Anum, e, devido à grande quantidade deles ali, era possível ver um “Mar de Anum”. E daí surgiu o nome Maruanum.

Enquanto ia percorrendo aquele lugar na canoa, deslumbrado com a beleza natural daquela região, vivi instantes de paz enquanto caía uma chuva sobre nossas cabeças. A chuva parecia um ritual de recepção àquelas terras sagradas, onde as louceiras tiram o barro do chão e a casca do Jatobá e dão andamento às práticas ancestrais de produção de louças aliada à conservação da natureza.

A chegada em uma das pequenas ilhas que se formam na região foi marcada pela lama nos pés, feita da mistura da água com a terra preta do local. Caminhamos em direção à casa de uma das louceiras que nos recebeu surpresa com nossa chegada. Envolta de animais que percorriam livremente seu quintal, esta louceira contou, dentre outras coisas, que aprendera aquela arte com a mãe e que esta havia aprendido com sua avó.

Nos despedimos desta primeira visita, embarcamos novamente na canoa e partimos para encontrar com outra louceira, que não nos esperava. Ao chegarmos à sua casa, a dona louceira, de touca na cabeça e com as mãos envoltas de massa, nos recebeu com um sorriso no rosto e convidou para entrar. Entramos na cozinha e logo ali do lado, em um pequeno cômodo, havia um jirau onde estava o alguidar cheio de massa. Ela voltou ao seu ofício e continuou a conversa conosco. Ali, enquanto amassava fortemente aquele barro, numa dança de braços e mãos, ela parou, virou com um olhar sério em nossa direção e disse quase sussurrando:

— Pra tirar esse barro é preciso pedir a permissão pra vizinha. Isso não pode ser feito de qualquer jeito, não. A vizinha é que permite nossa louça queimar em paz. — Ao concluir a frase, ela se voltou para a massa e continuou seu trabalho.

Olhando aquela mulher, uma senhora que parecia estar nos seus cinquenta anos de idade, vi nela uma força física, mas mais que isso, vi uma energia que transcendia e dava vida às mães e à vizinha das louças do Mar de Anum.

## O PESCADOR

*Annieli Valério Rufino*

Os rios que cortam a imensidão verde amazônica escondem muitos mistérios. O rio é a mãe que sustenta e que ensina que é necessário cuidar para sempre ter. A poluição tem se espalhado pela Amazônia e, apesar das inúmeras intervenções, alguns moradores esquecem que precisam preservar para que as águas continuem a produzir alimentos necessários.

Jonas, morador antigo da pequena comunidade ribeirinha do rio Trombetas, vivia da pesca e, apesar de sobreviver com o consumo e a venda do pescado que ele retirava do rio, não perdia a oportunidade de jogar nas águas tudo o que via pela frente.

Não importava o que tinha nas mãos, sempre dava um jeito que aquilo fosse parar nas águas cristalinas do lago onde morava com a esposa e o filho pequeno de cinco anos.

Jonas pescava durante a noite e seguia para a feira da cidade para vender logo cedinho da manhã sua colheita do rio. Fazia isso sempre de dois em dois dias. Com o dinheiro da venda do pescado, começou a levar produtos industrializados da cidade, uma facilidade capitalista que o pescador não perderia a chance de aproveitar, mas a facilidade de adquirir mercadorias industriais facilitou a produção de lixo e era preciso dar destino para esse lixo.

Garrafas, sacos, copos, fraldas descartáveis, tudo plástico, o que não servia para comer ia parar no rio.

Não existia preocupação e tampouco consciência por parte de Jonas, mal sabia que aos poucos ele despertava o furor de quem ele nunca gostaria de ter conhecido, mas que começou a ser atingido diretamente com o lixo que Jonas jogava na água.

Certa vez, Jonas, a esposa e o filho voltavam da casa de uma vizinha, que era madrinha do pequeno Gledison, quando se depararam com um pássaro morto, preso entre o capim, no meio do lago. A esposa de Jonas, Maria Raimunda, assustada, pediu que Jonas verificasse de perto o que acontecera. Aproximaram a canoa e encontraram um filhote morto, preso em uma sacola plástica verde.

O pequeno Gleidison assustado disse ao pai:

— Poxa, a mãe dele vai ficar triste porque o filho morreu.

Os três continuaram a viagem até em casa, afinal, naquela noite, Jonas sairia para pescar, pois já estavam sem comida e dinheiro. Mas não teve sucesso algum, voltou com as mãos vazias para casa. Maria Raimunda fez um chibé e foi isso que os alimentou durante aquele dia.

Jonas, exímio pescador, descia o rio por mais um dia, depois de semanas em busca de alimento para sua família, mas os peixes haviam sumido, nenhum sinal. Há dias que o alimento era chibé.

Já era quase meio dia quando Jonas ficou revoltado e quebrou o remo que estava dentro da canoa e começou a se maldizer. Gritou altos palavrões e amaldiçoou o rio que tanto lhe dera alimento.

— Maldito rio que não tem peixe. Acho que você quer me matar de fome — gritava Jonas, sem resposta, senão o silêncio das águas que corriam mansas e misteriosas.

Deitou-se na canoa e a única coisa que ouviu no silêncio do rio foi o cantar de uma Saracura, pássaro pequeno que vive às margens do rio e se alimenta de peixes e iscas.

No instinto do desespero, Jonas gritou para o pássaro cantador e lhe fez um pedido:

— Saracura, saracurazinha, se me ajuda a pescar, divido contigo minha comida.

Por três vezes gritou ao vento seu desejo. Ao se sentar na canoa, sentiu algo passar por debaixo dela e viu que era um enorme pirarucu. Um peixe magnífico, tinha em média um metro de tamanho: era um belo imenso peixe vermelho da Amazônia.

O pescador tão feliz ficou, tratou de puxar o peixe para dentro da canoa e partiu para casa, afinal, aquele peixe serviria de alimento por semanas para toda a família, além de que poderia vendê-lo por um valor muito bom na cidade, mas só depois de matar a fome.

Ao chegar a casa, tratou o peixe com a mulher e pediu que ela fizesse logo um pedaço cozido para se alimentarem. Quando a panela levantou fervura, três homens enormes chegaram ao porto da casa e bateram palmas.

Homens distintos, usavam roupas escuras, e nem Jonas nem Maria Raimunda sabiam do que se tratava.

Jonas veio ao encontro das três criaturas e perguntou o que desejavam. Um dos três respondeu que foram comer a parte que lhes cabia da pesca, afinal, o desejo de Jonas havia se realizado.

Surpreso e um tanto curioso, Jonas os levou para sentar à pequena mesa de madeira que ficava na cozinha coberta e cercada de palha. Gritou para que Maria Raimundo viesse servir os três homens e, ainda sem saber direito o que estava acontecendo, Maria Raimunda obedeceu.

As três criaturas foram muito bem servidas e começaram a comer e a falar que estavam com dificuldades de arrumar comida, pois havia muito lixo na água, e que suspeitavam que Jonas estivesse jogando muita sujeira naquele lugar.

Falou o primeiro homem:

— Essas coisas da cidade estão trazendo problemas para nós.

O segundo acrescentou:

— Além do mais, têm nos dado prejuízo.

E o terceiro, já furioso, disse:

— Traga-nos mais comida, nossa fome é do tamanho da sua falta de juízo.

As três criaturas pediam mais e mais comida. Jonas e a esposa já estavam assustados.

Por fim, Jonas disse à mulher que arrumasse o filho e fosse para canoa, pois pressentia que aquelas criaturas não eram humanas. A mulher obedeceu e fugiu rapidamente.

Para entretê-los, Jonas disse que só tinha peixe cru e que iria cozinhar, mas eles disseram que não havia necessidade de cozinhar e que poderia trazer o peixe cru.

Jonas, convencido de que aquelas eram criaturas sobrenaturais, pegou uma boa quantidade de peixe, deixou com os três e conseguiu escapar com a esposa e o filho na canoa.

Quando deram falta de Jonas, vieram para a margem do rio. Um deles gritou:

— Hoje tiveste sorte. Que te vá, não faria a teu filho o que fizeste ao meu. Nós te amaldiçoamos a nunca mais conseguir pescar e que a fome persiga teus dias.

Jonas conseguiu fugir, mas levou consigo a maldição do pássaro do rio.

**TERRA TOMADA**

Rickson Rios  
Em memória de Julio Cortázar

A luz começa a despontar no horizonte. Da silhueta negra, aos poucos, *Tkt'sã* ilumina a terra úmida depois da noite chuvosa. As folhas das palmeiras cintilam ao leve balanço do vento, e a terra reluz o verde. Homens e mulheres despertam e começam suas vidas. O cheiro das raízes cozidas. O burburinho das falas que contam encontros com os espíritos em sonhos. *Tkt'koy* desastradamente escorrega e cai, derrubando as frutas colhidas por *Tkt'sé*, que o repreende. As crianças gargalham e caçoam. Desconcertado, *Tkt'koy* se abaixa para recompor o cesto de frutas, não sem no processo tentar soprar as orelhas dos pequenos que o cercam em provocações. *Tkt'sé* sorri da algazarra. *Tkt'koy* sorri para *Tkt'sé*.

A brisa traz o perfume da mata úmida. *Tkt'sã* vai em breve deitar suas luzes mais quentes. Saio para o *P'roro*. Quero chegar antes da comida à outra margem e alcançar a Pedra Mãe. Vou apartando folhas e cipós. Caminho só. Ouço o canto do *p'tuá*. Ele avisa à floresta que estou de passagem. Ela já me conhece. Vai me comunicando suas novidades. As copas bailam filtrando em múltiplos o olhar quente de *Tkt'sã*. Um *p'tupã* corre assustado sem notar que minha intenção não lhe diz respeito. Paro um momento para sentir o cheiro da terra ainda molhada. Já se escutam as águas do *P'roro*. Sigo em sua direção. Seu reflexo se revela entre as folhagens. *P'roro* está calmo. Ele flui lento e caudaloso. Piso os seixos de suas margens. Peço-lhe licença. Ele me esfria o corpo do olho de *Tkt'sã*, cuja força luminosa agora se torna opressiva. Na outra margem, os peixes dormem nas pedras. Capturo um *p'curuá* num lagunho de águas claras. Recito a prece por seu espírito, agora livre para renascer. O *p'curuá* tem a carne adocicada e saborosa. Sento-me e aprecio o concerto de sons dos seres da floresta. Um grupo de macacos *p'jurira* passa ruidoso provocando uma revoada de *p'suás*. Abandonadas, as palmeiras abanam suas folhas. Levanto-me e sigo meu caminho. A Pedra Mãe me espera. Há sete noites não tem notícias do povo. Já lhe serei visível quando chegar ao descampado. Anseio por reencontrá-la.

No caminho, algo estranho e surpreendente. A atmosfera vai ganhando tonalidades lúgubres e o olho de *Tkt'sã* é cegado por uma nuvem escura.

Os espíritos da floresta fazem-se entrever em sombras fugidias. Parecem apreensivos. Quando alcanço o descampado, diviso ao longe a Pedra Mãe. Dela emana dor. Desde uma de suas faces invisíveis é cuspidada uma fumaça negra. Um ruído agressivo corta o ar. Lembra o urro de morte de um *p'caracai* gigante. Não, de uma manada deles, todos gritando em agonia. Ao mesmo tempo ou um momento depois, a mata que margeia à minha frente o descampado se agita violentamente. As palmeiras inclinam-se. Parecem querer arrancar suas raízes e caminhar. Correria. Revoada. Os seres da floresta desabalam em busca de abrigo. Recuo. Tenho que avisar o povo. Tomaram a Pedra Mãe.

Depois disso, por muitas noites, *Tket'mã* percorreu dolorosamente em sua lânguida palidez os céus escuros. Tivemos que aprender a viver sem a Pedra Mãe. Sem seu sussurro que nos soprava sonhos e conselhos quando o vento lhe acariciava a face. Sofremos todos porque somos um, mas não pude evitar a secreta tristeza que se me apossou. Foi-se com a Pedra Mãe a função a mim atribuída pelos espíritos e a que por tanto tempo me dediquei de, sobre sua pele dura, traçar com a tinta negra da *p'puaba* as histórias do povo e seus pedidos de prosperidade.

O lento baile de cores dos céus de *Tikuth'nam*. A vida cobra normalidade. O luto coletivo pela Pedra Mãe foi aliviado pelos preparativos da aliança entre *Tket'koy* e *Tket'sé*. O universo, conquanto amputado, lateja.

A festa dura uma noite e um dia. Enfeito a pele do povo com a tinta leve e vermelha da *p'taba*. Enquanto traço as linhas, lembro-me das mãos de meu pai que guiavam as minhas ao me ensinar a prática. Posso sentir suas palavras. Seu espírito as sussurra em meus ouvidos. Indicam-me os contornos, as retas e a pressão para se obter o efeito prescrito pelos antigos. Nossos antepassados. Alegram-se com as preces da comunidade festiva. Bailam e cantam entre homens e mulheres seus espíritos ligeiros.

As crianças, alheias, cercam-me curiosas. Brincam pintando-se umas às outras. Correm alegres sem saber por quê. Na noite do fogo, *Tket'sé* e *Tket'koy* desfilam seus corpos jovens. Seus adornos de penas refletem as tonalidades pulsantes das labaredas. Amanhã será o dia da água e a cerimônia os unirá perante os seres de *Tikuth'nam*.

Empalidece a noite. *Tket'sã* se anuncia. Saímos para o *P'roro*. A caminhada é longa. Recitamos cânticos de boa sorte. Os seres da floresta unem suas vozes e cumprimentam o povo passante. *Tket'sé* e *Tket'koy* não tangem o chão.



O povo os ergue. Seus pés antes devem tocar o *P'roro*. Seus corpos devem mergulhar em suas águas. Proferirão ali palavras de aliança.

Caminhamos. A floresta silencia. Ouvem-se apenas as vozes do povo, que aos poucos se cala aturdido. Meu peito arfa presságios. Já estamos próximos ao *P'roro*, mas não se escutam suas águas. Receosos, seguimos. Sopra um odor agressivo. As folhagens vão lentamente revelando a desdita. Uma terra amarelada mescla-se a águas barrentas e viscosas. Estertores de peixes e pássaros entre centenas de corpos fétidos de seres inertes. *P'roro* agoniza. Tornara-se lama.

O povo em variações de perplexidade. Uns, estarecidos, permanecem hirtos. Outros, desmontam-se em preces vãs. Crianças choram assustadas. *Tkt'sé* e *Tkt'koy* confundem suas lágrimas em abraços incrédulos. Seus pés imersos no lodo amarelo. Uma chuva fina começa a cair. Fria, arrepia-nos a pele a lembrar-nos de que tudo é real. Abatidos, um trás outro, retornamos à aldeia. Sabemos agora, desenganados: tomaram o *P'roro*.

De volta, movemo-nos silentes como se a cada um fosse sabido o que fazer. Preparam-se fardos com alimentos. Recolhem-se ferramentas úteis. Deposito tinta de *p'puaba* em uma casca de *p'cute*. Fecho-a. Embrulho pedaços de raiz seca para comer. Enfeixo tudo em fibra de *p'tena*. Anoitece. Nada cintila no céu fechado. Nem *Tkt'mã* reluz sua tristeza. Ouvem-se apenas as secretas vozes da gente ou dos espíritos. O crepitar da fogueira. O ar parado. Noite sem sonhos.

Quando o céu desbota antecipando a chegada de *Tkt'sã*, amarro a *p'tena* em minha cintura. Reúno-me aos demais. O dorso perigoso da serra ergue-se por detrás da aldeia. O único caminho possível. Depois dele, o desconhecido. Saímos. Crianças menores amarradas aos pais. Alguém entoia um cântico melancólico. Poucas vozes se animam a acompanhar. O aclave é áspero.

Pouco a pouco afastamo-nos do que fora nossa casa. O lar dos pais de nossos pais. Ninguém sabe se os espíritos virão conosco ou se permanecerão na floresta. Detenho-me um momento. Diviso do alto a exuberância de toda a terra. A aldeia, a floresta e o lugar onde antes fluía o *P'roro*. Explode uma revoadada de pássaros que desvia meu olhar. Assombra-me o que vejo. Minha mão umedece na *p'puaba* que carrego e escreve triste sobre a pedra da encosta. Tomaram *Tikuth'nam*.

## A PÍLULA

*E. Lewis*

Um certo jovem vivia em uma pequena vila no interior, rodeado de árvores, animais e pessoas esquecidas pelo tempo. A monotonia lhe custava horas deitado em sua rede, pensando no que poderia fazer para ser feliz. Nada lhe faltava, então sentia que nada lhe pertencia.

Em um dia igual aos outros, enquanto sua mãe preparava um bolo de fubá e o pai descascava espigas na porta, um homem anunciava uma pílula revolucionária no rádio.

— E a indústria científica acaba de anunciar que foi descoberta uma nova tecnologia capaz de lhe dizer o que fazer para alcançar a felicidade! Funciona da seguinte maneira: o indivíduo toma uma pílula que mostra qual decisão tomar para viver a melhor versão da sua vida, a partir daí é só fazer o que a pílula lhe disse e ser o homem ou mulher mais feliz do mundo, sem segredos e sem dificuldades! — A atenção do jovem fora capturada. — Mas se apressem e garantam logo a sua, porque já foi comprovado que ela realmente funciona e nas próximas semanas o produto estará esgotado!

Ainda que sua mãe, seu pai e a doce vizinha que chegara para pedir um copo de açúcar não houvessem notado a súbita mudança no jovem, aquela nova e maravilhosa oportunidade havia se enraizado em seu coração.

Decidido a comprar a pílula, o jovem foi para a cidade. Lá arranjou um emprego, mas os gastos com a vida não lhe permitiam guardar uma quantia suficiente para comprar seu desejo. Conseguiu mais um emprego e fazia bicos para compensar aquilo que ainda não tinha. Na televisão, os homens anunciavam que muitas pessoas estavam conquistando a felicidade plena através da pílula e que, por causa de sua alta eficácia, o preço havia aumentado.

De vez em quando, seus pais lhe telefonavam, insistiam para que voltasse. Mas seu futuro estava decidido: seria o homem mais feliz do mundo. Vez ou outra, pensava na vizinha e em como devia estar depois de tantos anos.

Trabalhou com mais afinco, recebeu um aumento. Resolveu fazer um empréstimo, pois ouvira falar que a matéria-prima com a qual faziam a pílula estava acabando, logo ela sumiria do mercado. Precisava garantir a sua. Enquanto saía do banco, foi assaltado. Levaram-lhe tudo que tinha. Entrando em desespero, voltou para casa, obrigou os pais a venderem suas terras e usou

o dinheiro para roubar uma das últimas pílulas da felicidade. Já não havia bolo de fubá, ou milho nos campos, a vizinha havia se casado.

Finalmente, com a pílula em mãos e a alegria de saber que dali para frente as coisas seriam melhores, a engoliu e descobriu o que devia ter feito para ser verdadeiramente feliz.

— Volte para casa e viva uma vida tranquila.

## GRINGO NÃO SE CRIA NO LIMO

*Daniel Martins*

Safe e Petrônio eram amigos viajantes. Eles tinham um pacto. Quando algo drástico acontecia na vida de cada um, ambos tinham que viajar juntos para curar dores novas. No inverno de 2009, Safe estava se recuperando de uma decepção amorosa e Petrônio havia perdido o emprego. Por isso, queriam ir para um lugar que não estivesse no verão, cheio de pessoas lindas e felizes. Eles queriam calmaria, em um outro inverno que não fosse o grego: frio, seco e solitário.

Petrônio se impressionou quando viu imagens na internet, de urubus parecidos com os urubus asiáticos, tomando conta de um mercado de peixes no coração da Amazônia. Quando chegaram em Belém, foram recebidos pela natureza exigente, que fez com eles se sentissem entrando em uma panela de pressão fervente. O jornalista rindo... ao avistá-los pingando de suor e cabisbaixos, atravessando a rua em busca de um táxi, gritou para o taxista do ponto:

— Olhai aí, seu Armínio, esses dois... de branco, agora tão tudo “alaranjado” como camarão.

Em Belém do Pará, qualquer um é enforcado pelo espectro atmosférico quente, o demônio íntimo do paraense, chamado de: mormaço. Isso porque estava fazendo um tempo típico da Amazônia, onde sol e chuvas fortes trocam de expediente todo dia.

O motorista que levava os dois, vendo que eram estrangeiros de lugares distantes, logo tratou de lembrar das aulas particulares de inglês do neto. Ele disse aos gregos que estava feliz naquela semana, porque havia feito um dia e meio de sol forte, como recompensa, para ele enxugar suas roupas lavadas, após três dias de chuvas seguidas.

Mas agora ele voltaria a se preocupar, pois, ao dobrar em uma rua, rapidamente, franziu a testa, apertou os olhos e, olhando para cima pela janela, disse:

— Lá vem ela, é só falar nela... que ela vem...

O primeiro pingo finge que nos avisa sobre o que virá. Ele antecede o mais rápido dos pingos grossos, o segundo pingo! O terceiro pingo vem acompanhado de todos os outros. E assim logo cai o conjunto de flechas

de água, que atinge qualquer um. Ninguém consegue fugir, ninguém! Nem o mais seco dos homens! Nem mesmo o que corre como um gato procurando um local para se alojar, para não chegar molhado ao compromisso ou adquirir doenças de frio, que fazem as pessoas gastarem mais dinheiro na farmácia.

Ao chegarem na hotelaria do bairro do Reduto, desceram correndo do carro como se estivessem sob ataque. Quem os via chegar, tinha certeza de que eles estavam sendo iniciados na “religião amazônica” de reverência à chuva. Coisa que fez Marina, dona da hospedaria, rir deles, sem que percebessem... Ela falava inglês e espanhol muito bem e logo os recepcionou com uma toalha fofa e quente, como fazia com todos...

Safe disse a Petrônio que eles descansariam e, à noite, sairiam... Então, foram para o quarto, um típico quarto do século XIX reformado e conservado. Com plantas na janela, que sabiam ficar molhadas por muito tempo sem morrerem. Algo que eles aprenderiam muito bem durante a estada na Amazônia.

Após se maravilharem comendo tapioca com café às seis da tarde, como uma parada obrigatória, na mesa gigante de madeira na cozinha de Marina, os gregos se animaram para sair e começar sua aventura na cidade... Mas, ao avistarem a Praça da República anoitecendo, as árvores opulentas despejando o restante de um gozo, cansadas e enxarcadas, enquanto as poças das ruas desertas e escuras refletiam as luzes da praça... eles decidiram esperar o outro dia e não arriscar serem vítimas de um assalto ou das visagens urbanas que tanto as pessoas da Amazônia falavam na internet.

Às cinco da manhã, ao acordarem com as camas molhadas de goteiras, encontraram na cozinha a dona do local aos risos e gargalhadas, enquanto enxugava o chão, ouvindo as gaiatices do marido e do zelador da pousada, que caçoavam um do outro, lembrando os chifres que haviam levado na juventude.

Depois do café da manhã, os rapazes estavam ansiosos para conhecer o mercado do Ver-o-Peso. Ao subirem no táxi, perceberam a melodia triste que acompanhava o motorista no rádio. Enquanto o blado ia ficando mais claro, eles viram pelo retrovisor lágrimas caindo no rosto do senhorzinho.

Safe não se conteve e perguntou em um ralo português:

— Está tudo bem? Podemos ajudar?

A resposta veio seca e dura, como uma paulada.

— Meus jovens, ninguém traz pessoas que já se foram de volta à vida... Apenas as canções compartilhadas conseguem... É tanta saudade que falamos com a solidão, como se ela fosse amiga... Não se preocupem. Eu estou bem, eu gosto de visitar meus mortos todos os dias, e não apenas nos finados.

Ao ouvirem tal resposta, ambos se olharam impressionados. Desceram do carro pensativos e logo se depararam com outra forte emoção do belenense. Era uma correria misturada a uma gritaria intensa. Por eles passaram correndo um garoto com um cordão de ouro nas mãos bem fechadas e um grupo de homens de meia idade atrás, gritando:

— Pega ladrão, safado... Agarrem-no.

Neste momento, eles não tiveram dúvida do que fazer. Também correram, rumando para dentro do mercado, com medo de serem confundidos com o tal ladrão. Mal eles sabiam que, no imaginário popular brasileiro, jamais ladrões serão brancos de olhos azuis. Mas, sim, “jovens negros mal-vestidos”.

Após se distanciar da confusão, Safe foi parando e olhando para o lado, quando viu Petro caído de cara em uma poça de água cheia de limo.

Enquanto ajudava o amigo a se erguer, Safe, como um aluno novato na escola, ouvia as risadas e zombarias em português, dos comerciantes ambulantes. Dentre elas, uma bem alta e com gargalhadas, dizia:

— Gringo não se cria no limo. Aqui o céu e o chão são diferentes...

Recuperados do susto, eles ouviram um feirante que olhava para o horizonte, gritar:

— Lá vem eeeeeelaaaa!

Eles procuraram a bela mulher que estaria por passar... mas ele estava falando da chuva, que chegou de novo tomando tudo.

Eles ficaram atentamente vendo a reação das pessoas. Enquanto uns buscavam refúgio, outros saíam das tendas para se banhar. Outros até dançavam, se agarrando e se soltando ao som do brega marcante, que tocava alto na caixa de som do vendedor de CDs da bicicleta cargueira.

Foi neste momento que eles conversaram:

— Eles são muito fortes... — disse Safe.

— De quem você está falando...?

— Falo do povo daqui... Eles vivem uma vida molhada, quente, pesada e arriscada, mas são alegres e prósperos. Já viajamos muito, mas realmente aqui é diferente. Mal chegamos e já vivemos tanto, entre a pressão e o alívio que eles conhecem bem.

Anos depois, Safe descreveu a viagem feita, em um livro chamado O mundo de água quente e que começava com a seguinte frase: “eu conheci, em uma viagem ao Brasil, o povo que tem no chão, toda a água e todo sol que há no céu”.

## DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO

*Thiago Carone*

Francisco acordou bem cedo junto com o sol. A canoa já estava posicionada ao lado de sua casa. O rio resplandecia aquele dourado suave típico do amanhecer. Ele caminhou alguns minutos pela trilha aberta na floresta e pôde sentir o verde relaxante. Desde criança, Francisco aprendeu a respeitar a floresta. Seu pai era agricultor e ensinou para ele o manejo adequado das plantações. Sua família era de ribeirinhos que sobreviviam da economia do açaí.

Ele se alongou para espantar a sonolência. Diante dele, um igarapé de água cristalina, um verdadeiro oásis no meio da floresta amazônica. Ao mergulhar, sentiu a água gelada despertar todos os seus músculos. Homem forte e trabalhador, Francisco foi acostumado na labuta desde cedo. Ele levantava todo o dia e fazia aquele ritual. Depois voltou para casa e tomou o café da manhã com a família. Abençoou os filhos e beijou a esposa.

Pegou seus instrumentos de trabalho e foi até a canoa que balançava com as marolas do rio. Sua casa era de madeira e ficava bem na margem. Ele ligou o motor e pilotou até umas ilhas próximas. Ao chegar no destino, atracou o barco. Caminhou alguns metros e chegou a um açaizal. Pegou a sua peconha, ajustou aos pés e com um salto se agarrou na árvore de açaí. Subiu com a maior agilidade. Lá em cima, ele puxou um cacho de açaí a sua frente e deslizou de volta ao solo. Paneiros cheios, ele retornou para casa feliz da vida. Sua família o aguardava. Uma parte da produção ele bate na máquina para o consumo da família, a outra sai da Amazônia para o mundo.



## ENCONTRO DAS ÁGUAS

*Thiago Carone*

A cidade está ficando cada vez mais abarrotada de carros. Para todos os lados, são muitas informações, trânsito, poluição e estresse. Basta chegar o fim de semana que as estradas principais ficam congestionadas. Gente saindo por todos os lados, fugindo do caos urbano. Essa é a verdade! Do banco do carona, Isa observava a impaciência do marido ao volante. Sérgio bufava enquanto ultrapassava os outros carros, resmungava do engarrafamento e buzina. O desejo de sentir o prazer da natureza era denunciado em cada gesto de impaciência.

Os carros seguiam no engarrafamento. Isa tentava acalmar o marido e as crianças, que riam da rabugice do pai. Sentados no banco de trás, estava o casal de filhos que, entre brincadeiras, falavam alto. O pai olhava atento, enquanto guiava para sair o mais rápido possível daquela confusão. Isa pensou por um instante no quanto aquele esforço compensava, afinal, iam curtir um delicioso igarapé. Passado aquele sufoco, Sérgio saiu da via principal e dirigiu por uma rodovia ladeada por florestas.

Algumas horas na estrada e a família chegou diante de uma porteira. No alto, a inscrição “Igarapé Encontro das Águas”. Após estacionar o carro, a família continuou a pé pela trilha na floresta amazônica. Já dava para sentir a diferença do astral, que melhorava cada vez mais. Nada de balneários com música alta e piscinas com cloro. Eles gostavam mesmo era desse igarapé que fazia a junção das águas gelada e morna de outros afluentes. Enfim, voltavam para visitar aquele recanto do Tauá, no Pará. E se banhavam naquele oásis amazônico, fonte da juventude, enquanto ouviam o canto dos pássaros nas árvores ancestrais que balançavam ao vento.

## VISÕES DA SAMAUMEIRA

*Thiago Carone*

Desde que era curumim, o cacique escutava que o homem e a natureza são um só. Que tudo tem espírito: os rios, as árvores e até mesmo as pedras. Ele estava em pé diante de uma enorme árvore. Era uma samaumeira. Com a mão espalmada, ele tocou o tronco da árvore. Fechou os olhos e fez uma oração agradecendo à divindade por aquela vida. Inalou o ar puro da floresta e sentiu o canto dos pássaros, escutou o fluxo da água dos rios e igarapés. Agora ele já era um homem adulto, o líder de sua comunidade. Nesse instante, sentiu os pelos de seu corpo arrepiarem.

Entoou um canto muito antigo ensinado pelo seu avô, grande xamã respeitado em várias tribos. Uma comunicação intuitiva se estabeleceu entre ele e a árvore. Ela enviou ao olho de sua mente algumas imagens. O cacique se esforçou para sintonizar com a mensagem que a árvore estava emitindo. Ele conseguiu identificar que havia fogo e fumaça, pessoas gritando e estradas de terra sendo invadidas por máquinas. Homens brancos gesticulavam com muita pressa, utilizavam umas roupas luminosas.

O cacique nunca tinha visto aquilo. Estranhas criaturas com braços longos e garras faziam barulhos, enquanto rasgavam o solo sagrado da Amazônia. Árvores choravam um lamento oculto, compreendido somente pelos entes da floresta. Os seres encantados faziam o que podiam para proteger a fauna e a flora, mas era necessária a colaboração do ser humano. De repente, ele foi erguido acima da floresta. Enquanto flutuava nos céus, avistou que a maior parte do verde havia sumido. Com uma velocidade surpreendente ele foi lançado de volta à terra e acordou assustado. Tinha sido um sonho profético.

## A RAPOSA E A DONA ESPERANÇA

*Eduardo Amaro*

Era um mês daqueles chatos, que pareciam não terminar. Eu estava cuidando do meu pai, que entrara em fase terminal por conta de um câncer de próstata, e eu não saía de casa nem para trabalhar. Ficava navegando pelas redes sociais da vida, até que vi a publicidade de um jogo em promoção para o meu Xbox. Pensei: “Por que não?”

Quando o jogo chegou, socializei em um grupo. Ele me respondeu.

Bastou aquele avatar pititico para acender uma chama incompreensivelmente quente no meu tórax. Era literal: eu sentia fisicamente a queimadura. Subiu um calafrio pela minha espinha, um calafrio gostoso que eletrizou outras partes da minha anatomia. Era como se eu estivesse plugado em 220 V. Meu ser, por inteiro, respondeu àquela mensagem.

Danilo apareceu assim: fazendo uma estreia apoteótica dentro de mim, sem querer, mexendo na vibração mais íntima da minha alma, com uma mensagem de duas linhas, que nada tinha a ver com o que eu sentia. Solicitei um convite de amizade e fui dormir. O sono não veio, mas o sim dele veio. Vibrei. “Danilo aceitou a sua solicitação de amizade. Escreva na linha do tempo de Danilo”.

Porém a realidade bateu. O fogo foi apagando e a saúde do meu pai, piorando. Às vezes, na ansiedade de manter o contato, eu mandava algumas mensagens engraçadinhas, só para sentir o prazer de ter um rrsrrsrrsrs de volta dele, ou o marcava em publicações sobre jogos, para manter a aparência de que eu queria sua amizade por conta de uma futilidade como essa, mas eu queria Danilo. Todo ele. Todinho, dos pés à cabeça. Para todo ser apaixonado, um sorriso ridículo é um farol iluminado que rompe a noite mais densa e tempestuosa, guiando os marujos para a segurança da praia.

Chovia muito naqueles dias. Meu pai definhava rapidamente, como a água que se quebra em gotas vindas do céu e se perde nos bueiros das cidades, bem diante dos meus olhos. O aniversário do Danilo se aproximava, assim como o fim da estrada do meu velho amado.

Em 12 de junho de 2012, data cabalística, 12, que é o dobro do mês 6, no ano 12, data do aniversário do Danilo, data do aniversário da minha cunhada

Letícia, Dia dos Namorados, tornou-se a data do falecimento do meu pai e da derrocada do meu mundo. Eu desabei.

Cansado. Perdido. Destruído.

Sepultei o meu pai no mesmo dia, seguindo os ritos da religião a que ele pertencia. Voltei para casa de olhos inchados e com o coração destroçado. Tomei uma dose cavalariça de calmante tarja preta e só acordei na madrugada do dia seguinte.

Ainda desorientado, fui matar o tempo naquele maldito Facebook. Pensava sobre a minha última desilusão amorosa, ele sofria de problemas de aceitação em relação à sexualidade. Engravidou uma guria e me descartou como se eu fosse uma bituca de cigarro que, ao ser jogada no chão, apenas aguardava para ser pisoteada; pensava no pós-vida, no espírito do meu pai, sendo nós de religiões diferentes, nós nos encontraríamos de novo algum dia? E pensava em meu emprego, que só me trazia desgosto. Até que o número 1 apareceu na tela do meu computador, circundado por um retângulo vermelho na aba de mensagem. Era Danilo. Como usualmente acontecia, gelei. Não estava com o ânimo correto para conversar com aquele que fazia minha alma vibrar. Enquanto pensava se visualizaria a mensagem, o número 1 se transformou em número 2 e essa foi a deixa para o diálogo. Respondi. Eu conversava com ele, tentando não expressar a dor que meu espírito sentia. Doía demais. Uma rajada de ar invernal entrou pela janela do meu quarto naquele fatídico junho. A conversa terminou. O inverno, não.

Danilo deixou em mim uma esperança, uma energia boa, e ele nunca soube disso. Eu a transformei em meu pequeno farol. Num belo dia, eu o vi em uma foto com um “amigo” que me parecia, digamos, um tanto “suspeito”. Aí comecei a ler os comentários com outros olhos e uma guria escreveu algo que me fez deduzir que Danilo jogava no meu time. Sim, ele era gay.

Gay! Eu sabia! Sim, gay! Não que eu achasse que ele me aceitaria algum dia, apesar de desejar isso com todas as forças do meu ser, mas, pelo menos, eu não precisaria esconder a minha sexualidade. No contato que seguiu via mensagem particular, eu enfiei, não me lembro como, a minha confissão dentro da conversa, assim, “despretensiosamente”. Não demorou muito e estávamos trocando confidências. Então comecei a tecer planos, pensar em viagens, eu voltei a olhar para o futuro.

Foi assim que escapei de uma depressão severa, superando a morte do meu pai, reerguendo minha autoestima.

Danilo era tudo o que eu sempre quis: amável, gostava das mesmas coisas que eu, era gordinho, ruivinho e tinha atributos que não posso revelar. Eu gostava de quase tudo nele, da sua voz, da sua “braveza”, do seu olhar, de cada pinta nos lugares mais escondidos.

Nós fomos viajar, eu escolhi um lugar simbólico que, assim como a raposa de pelúcia que eu dei de presente para ele no primeiro dia em que nos vimos pessoalmente, representava o que eu não conseguia dizer em palavras. Até hoje não consigo, mas isso não importa mais. A exemplo de Plínio, levei meu amor para conhecer a Pinacoteca, tentei impressioná-lo, mostrando obras de arte, a estátua de Rodin que eu amava, as obras de Tarsila etc., também outros lugares da capital paulista, antes de embarcarmos rumo ao litoral. Danilo contou-me sobre o ex dele durante a nossa viagem e isso foi uma indireta, creio eu, que, naquela ocasião, cego pela estúpida paixão que eu sentia (e ainda sinto) por ele, ignorei. Se eu soubesse que seria a nossa única viagem, apesar das promessas que fizemos – em vão – de que existiriam outras, eu nunca teria soltado a minha raposa, quando eu a abracei naquele aeroporto.

Ele voltou para Brasília e o tempo passou. Ficamos meses sem nos falar, o ex de Danilo retornou da Europa e, quando retomamos contato, ele me disse que estava com alguém. Não perguntei quem era, ele também não fez questão de dizer, mas que diferença faz agora? Apesar de saber, no meu íntimo, que era o passado dele retornando ao Brasil e que, contra isso, eu seria carta fora do baralho. É sempre assim comigo, eu sou a segunda opção. Na verdade, eu nunca o mereci, hoje eu entendo isso. Ele sempre foi uma pessoa inalcançável para o garoto perdido do litoral de São Paulo. A importância dele na minha vida já está marcada para sempre e devo estar satisfeito com isso. Eu nunca mereci o amor de Danilo.

Um avião partiu rumo à capital do Brasil, levando consigo a esperança que eu tinha de ser feliz com a pessoa que eu acreditava ser o meu verdadeiro amor. Danilo nunca mais voltou. Assim como meu pai, assim como quase tudo que se foi da minha vida.

Um dia, lá na França, uma raposa falante ensinou a um pequeno príncipe, que morava em um também pequeno asteroide: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Só que não.

Nem todas as histórias têm um final feliz. Inclusive, nem a deles teve.

# MICROCONTO

## **A REVOLUÇÃO DO BEM VIVER**

*Miguel Fê Orí Okan Túpac ibn Lelis, o Tabuleiro da Vitória Marighella e Lisboa*

Na Mãe Terra existia uma humanidade futurística, e distópica. Ainda havia indígenas das Américas que proclamavam o Bem Viver. A partir deles progrediu-se em relações sustentáveis e solidárias, a humanidade se aceitou como parte integrante da natureza.